

MUSEU E TEATRO COMO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Lauren Kleinert Londero¹, Jorge Orlando Cuéllar Noguera²

¹Especialista em Educação Ambiental – UFSM.

² Prof. Dr. – Professor do Curso de Especialização em Educação Ambiental da UFSM.

jocunoguera@hotmail.com

RESUMO

O trabalho foi desenvolvido no Instituto Estadual Padre Caetano, pela inexistência de um trabalho que utilize museu e teatro como forma de análise crítica dos problemas ambientais em crianças da terceira série do ensino fundamental. O estudo visa mostrar e sensibilizar, através de contos infantis, a importância da boa relação entre os homens e entre homem-natureza. Trabalhou-se no Museu Vicente Pallotti, a relação homem-natureza, discutiu-se os temas das histórias, fazendo com que as crianças criassem suas próprias versões. A importância do projeto está em trabalhar a Educação Ambiental, construindo a cidadania pelas práticas teatrais e visitas ao museu. O teatro incentiva os alunos a interagir com a comunidade escolar, o museu dá suporte à ação teatral. É necessário que as crianças percebam o meio em que estão inseridas, despertando-as à preservação. A percepção é o primeiro passo à conscientização dos problemas sócio-ambientais, contribuindo para o bem estar global.

Palavras-chave: Museu, Teatro, Educação Ambiental.

ABSTRACT

The work is made in the Institute Padre Caetano because it doesn't exist a work that use museum or theater like way of critic analysis of ambient problems of children of 3rd grade of school. In this way, the work through of critic analysis in interventions of theater, in the museum, can show though children's song the importance of a good relationship between the men and the men-nature, to make conscience to the children to reality of the environment in the they live. It searches to work of critic way, in the museum Vicente Pallotti, with the children of first grades of school, the relationship men-nature, discuss about the themes of the histories and do with the children create their own version of the same in the classroom; and for last to value the work made. The importance of the proposed project is justified for the need of work the education environment, beginning from the children, look at the construction of the citizenship through of the education, like instrument of participation, like go to the visit at museum and theatre practice, that make to wake up the interest of the children the preservation of the environment. The theater like instrument of information and participation, it has like objective, incentive the students to interact with the school community, good like the diffusion of the ambient theme. Is the museum a help to the theatre action, certainly it illustrates what it is said, take it a games practice. Is necessary that the children perceive the way in that they are get in, to wake up them to the importance to keep the present and the future generations. It is important to that the perception is the first step to the people take conscience of the problems socio-environments making the effort to make little positives change in them daily live, contributing to a bettering global.

Key-words: Museum, Theatre, Environmental Education

INTRODUÇÃO

Este trabalho reúne as experiências de práticas ambientais desenvolvida no Instituto Estadual Padre Caetano (Santa Maria, RS) com alunos da terceira série do ensino fundamental. Foi desenvolvida uma metodologia de trabalho que utiliza a dinâmica do teatro como introdução a uma análise crítica dos problemas ambientais.

O acervo do Museu Vicente Pallotti e o teatro foram ferramentas para mostrar, através de contos infantis, a importância da boa relação entre os homens e entre homem-natureza, sensibilizando as crianças para a realidade do meio em que vivem.

No projeto trabalharam os Contadores de Histórias, que através de suas narrações, estimularam a percepção dos alunos, e, desta forma, foi possível a discussão das histórias em aula, o que, somado à criatividade das crianças, resultou em um teatro de fantoches.

Pode-se observar que através das histórias contadas pelos atores no Museu, houve a possibilidade de sensibilizar as crianças para a realidade em que estão inseridas e, desta forma, o teatro serviu de instrumento de informação e participação e o museu de apoio para a ação teatral, como forma lúdica.

Este trabalho resulta da análise sobre Educação Ambiental realizada no Instituto Estadual Padre Caetano, onde não existe um trabalho que utilize nem o museu, nem o teatro como forma de análise crítica dos problemas ambientais em crianças da terceira série do ensino fundamental.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com objetivo de dar sustentação científica a o trabalho serão resumidos os seguintes temas: a Educação Ambiental e a Escola, o Teatro Infantil na Escola, Percepção e Ludicidade para as Crianças.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A ESCOLA

Na América Latina o Brasil é o único país que tem uma política nacional específica para a Educação Ambiental, a Lei Federal n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, define educação ambiental como: “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (artigo 1º)”

Contudo, “A educação ambiental não deve se preocupar em transmitir conhecimentos, mas sim em produzir conhecimentos, considerando que não aprendemos do outro, mas com o outro criando com ele.” (STENGERS apud BARCELOS, 1997, p. 37.). E, de acordo com (REIGOTA, 1995, p. 28.), “O desafio da educação ambiental é sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se vive confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais”.

Em outras palavras, pode-se considerar a Educação Ambiental como um processo de construção do papel social de cada indivíduo, dentro de suas comunidades, visando à melhoria da qualidade de vida e da estrutura da sociedade, ou até mesmo considerá-la um resgate de mudança de valores e comportamentos, buscando a integração do homem com o meio em que

vive o conhecimento interdisciplinar da natureza e da história e a discussão da percepção do homem sobre o mundo.

Na visão de Müller (s.d., p. 22.), a Educação Ambiental é uma forma de prática educacional sintonizada com a vida em sociedade. Ela só pode ser efetiva se todos os membros da sociedade participarem, de acordo com suas habilidades, das complexas e múltiplas tarefas de melhora das relações das pessoas com seu meio ambiente. Isto só pode ser alcançado se as pessoas se conscientizarem do seu envolvimento e de suas responsabilidades.

Por conseguinte, é fundamental a participação da escola, – principalmente desde o ensino infantil ou das primeiras séries do ensino fundamental – no processo de construção de conhecimento, valores e atitudes, voltados para a temática ambiental, promovendo, assim, a conscientização e ações de engajamento da comunidade escolar, na defesa de um meio ambiente ecologicamente equilibrado e essencial à sadia qualidade de vida, às presentes e futuras gerações.

TEATRO INFANTIL NA ESCOLA

A criança gosta de brincar. Tanto isto é verdade que, quanto estão na escola, a “melhor hora” para a maioria delas é a hora do intervalo, onde irão se divertir, colocar a imaginação para funcionar.

Considerando todo este contexto, pode-se dizer o teatro infantil é um instrumento muito importante quando o assunto é aprendizado, pois a ludicidade e poder de imaginação do teatro fazem com que as crianças absorvam o conhecimento de maneira divertida, sem sequer notarem estar aprendendo. Na verdade, a relação imaginação-aprendizagem é mais ou menos definida por uma frase de Albert Einstein quando diz que “A imaginação é mais importante do que o conhecimento: o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abarca o mundo inteiro.”, o que também é uma forma de justificar que quando temos a capacidade de imaginar (e isso as crianças têm de sobra), o conhecimento acaba por nos chegar de forma mais prazerosa.

O teatro, no ensino fundamental, proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança e do adolescente sob vários aspectos. No plano individual, proporciona o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas; no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, oferece o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia, como resultado de poder agir e pensar com maior “liberdade”.

Contudo, pode-se dizer que o desenvolvimento de instrumentos metodológicos, como a inserção das artes cênicas no processo de educação ambiental, através da apresentação de espetáculos teatrais, como estratégias de ensino, busca promover o conhecimento, atitudes e valores na preservação do meio onde as crianças estão inseridas. Pode-se citar (CAPRA, 2003, p. 24-25.) para completar este raciocínio, pois ele ensina que “Não há praticamente nada mais eficaz que as artes (as artes visuais, a música, as artes cênicas) para desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem”.

Outros autores também colocam suas observações sobre a importância de se utilizar a arte como instrumento metodológico de ensino, como é o caso de Silva e Sammarco (2004, p. 62), que afirmam que a “arte-educação deve refletir o contexto social emergente, procurando sensibilizar para a mudança de atitudes de hábitos necessários de cada tempo/época.”

Desta forma se faz necessário estimular a iniciativa dos alunos, com a introdução de estratégias de ensino, em que valorizem a participação destes na construção do senso crítico, através da observação da realidade escolar, no contexto da sociedade, utilizando a arte como meio de aprendizagem e como forma de expressão individual ou coletiva diante da sociedade em que se está inserido.

PERCEPÇÃO

Para Linda L. Davidoff “A percepção define-se como processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos.”

Com base na citação anterior, pode-se dizer que identificar a percepção ambiental da comunidade escolar, como lembra Cavedon et all. (2004, p. 66), é o primeiro passo para se construir, através da educação ambiental, um novo indivíduo capaz de agir criticamente e transformar a nossa realidade; isto implica, portanto, em primeiramente sugerir estímulos para que esta percepção seja aguçada (como foi o caso dos “Contadores de Histórias” nesse projeto). Branco (2003, p. 34) também explica que “Pretende-se chegar à aprendizagem, não só através do ensino teórico, mas também fundamentalmente, por meio de atividades práticas, com vistas à melhoria da percepção dele no ambiente”. E, então, somente a partir daí – de seu “perceber-se na ação” – é que se poderá construir e conquistar a cidadania.

Observe-se que sem a percepção do que acontece no meio em que se vive, não é possível refletir e ser crítico; e sem a reflexão e a crítica, torna-se impossível a iniciativa de se mudar a sociedade a qual se está inserido.

LUDICIDADE PARA AS CRIANÇAS

A criança é um ser social, que nasce com capacidades afetivas e cognitivas, tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas, de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente ampliando suas relações sociais, interações e forma de comunicação. Logo, para se desenvolver, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece na sociedade já que as aprendizagens acontecem na interação com outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças.

Alvez (apud DIAZ-ROCHA, 1999, p. 6): diz “A grande questão que é colocada à educação é a possibilidade que se lhe abre de invadir uma realidade dada com novos objetos de linguagem, capazes de fazer explodir a ação criativa”.

Utilizando esta metodologia lúdica de trabalho, as crianças têm a oportunidade de se expressar através daquilo que realmente percebem das situações que lhe são oferecidas, reunindo aprendizado, forma de expressão e diversão em uma única atividade.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido em quatro etapas, a primeira de preparação, a segunda com os atores o conhecimento das histórias, a terceira o trabalho com as crianças, primeiro no teatro e após na escola por último foi feita uma avaliação do trabalho.

Monografias Ambientais

(Revista Eletrônica do Curso de Especialização em Educação Ambiental da UFSM)

Inicialmente foi preparado o processo: com ensaio com os atores (Contadores de Histórias), convidar as crianças para o participarem do projeto, datas de trabalho, e ensaiar com os atores.

Terminada esta etapa as duas turmas de terceira série do Instituto Estadual Padre Caetano fizeram uma visita ao Museu Vicente Pallotti, onde, além de conhecerem o acervo, ouviram contos dos “Contadores de Histórias” (três atores), que se dispuseram em algumas salas do Museu, caracterizados de “Vovó”, “Lenhador” e “Formiga”. Estas personagens faziam parte das histórias, pois, mesmo que não fossem personagens das mesmas, “vivenciaram-nas” de perto, o que tornou estes contos mais “reais” aos olhos das crianças.

A “Vovó” (Aristilda Rechia), por exemplo, era uma senhora que fazia parte do povo da cidadezinha alemã da história “O Flautista Mágico”; o “Lenhador” (Helquer Paez), que contou “A



“Vovó” contando a história “O Flautista Mágico” (03/05/2007).

Raposa e o Lenhador”, falou da história de um amigo seu, um outro lenhador; e a “Formiga” (Angela Rechia), que narrou a história “A Cigarra e a Formiga”, era também uma amiga da formiga que teve contato com a preguiçosa cigarra.

A “Vovó” contou-lhes a história “O Flautista Mágico que trata sobre uma cidade que é invadida por ratos – o que foi possível trabalhar mais tarde com os alunos sobre o descaso com o lixo em nossa cidade e os males que este pode causar – e sobre a mentira (pois o prefeito da história é um mentiroso e um caloteiro), o que

possibilitou o trabalho sobre o comportamento das pessoas.



“Lenhador” contando a história “A Raposa e o Lenhador” (03/05/2007).

O “Lenhador” contou-lhes a história “A Raposa e o Lenhador”, que, além de abordar a questão sobre o desmatamento – apenas corte de árvores de plantio – tratou sobre a questão da confiança entre as pessoas.

E a “Formiga” contou-lhes a conhecida história “A Cigarra e a Formiga” também aborda uma questão de comportamento, pois quem trabalha, é esforçado,

alcança seus objetivos, além da bondade, pois o final da história foi modificado, tendo a formiga compaixão da cigarra e deixando-a passar o inverno em sua casa.

As três histórias, como foi possível perceber, tratou, direta ou indiretamente, sobre comportamentos humanos vistos em nosso dia-a-dia; e esta foi a pauta principal para o trabalho com os alunos: a sensibilização do quanto as nossas ações e comportamentos podem influenciar no bem-estar do meio em que vivemos.

Além de contarem as histórias, os personagens acompanharam os alunos durante a visita ao museu, ajudando a explicar, cada um ao seu modo (“experiências de personagem”), o que era visto nas diferentes salas.



“Formiga” contando a história “A Cigarra e a Formiga” (03/05/2007).

ATIVIDADES NA ESCOLA

Foi dividida a turma em três grupos; se sortearam as histórias a serem trabalhadas por cada



grupo; se aplicou um questionário sobre as histórias, as quais os alunos discutirão em grupo, e escreverão suas percepções a cerca das mesmas, cada aluno desenhou seu personagem no papel e construiu um fantoche.

Terminada a confecção dos fantoches, foi trabalhada uma apresentação com personagens, dialogo e roteiro feita com as idéias das crianças.

No dia 25 de junho de 2007, após quase dois meses de encontros quinzenais, ambas as turmas, da manhã e da tarde, apresentaram seus resultados finais: os espetáculos

de fantoches criados por eles.

A turma da manhã, mesmo estando agitada e um pouco desorganizada, estava muito disposta a apresentar. No entanto, devido à desorganização no início da aula, sobrou pouco tempo para as apresentações. Foi possível fazer somente uma apresentação, que teve como público duas turmas de pré-escola.

A turma da tarde organizou-se rapidamente no início da aula e conseguiram fazer três sessões. Tiveram como público duas turmas de pré-escola e duas turmas de primeira série.

CONCLUSÕES

Observou-se que, em geral, as crianças estiveram muito dispostas a realizar todas as atividades propostas.

Na visita ao Museu Vicente Pallotti, os alunos tiveram interesse em ouvir e entender as histórias, assim como igualmente se interessaram em perguntar sobre o acervo no museu (buscar informações sobre aquilo que não conheciam). O que coloco como muito importante foi que o museu proporcionou uma ludicidade diferente, pois, além dos atores contarem as histórias num ambiente novo para a maioria destas crianças, os alunos que não conheciam os animais os quais eram citados nas histórias, puderam conhecê-los ali (ratos, ratazanas, raposa, formiga e cigarra).

Nas discussões em sala de aula sobre as histórias contadas pelos "Contadores de Histórias", muitos aspectos da vida cotidiana surgiram, partindo da percepção dos próprios alunos, como, por exemplo, a questão do lixo; – como o lixo é encarado no meio em que vivemos, de que forma este pode prejudicar a nossa saúde, o nosso bem-estar, no que prejudica a relação entre as pessoas, a questão do comportamento do homem, que interfere diretamente na relação de boa convivência com os demais de uma sociedade, entre outros assuntos abordados (desmatamento, poluição das águas, animais em extinção – a própria raposa inclusive). Tornou-se muito mais fácil trabalhar com estes aspectos, já que os alunos se interessavam pelos mesmos e dependiam desses itens para criar e contar as suas próprias histórias com os fantoches.

Pode-se colocar que a experiência foi válida para todos os alunos. Além disso, eles contavam os dias para que houvesse o próximo encontro, tamanha era a expectativa pela qual aguardavam para fazer um trabalho diferenciado da metodologia tradicional de sala de aula.

Recomenda-se que a escola crie programas de atividades de Educação Ambiental que envolva a ludicidade, tal como foi o caso deste projeto, pois estas atividades diferenciadas da

metodologia tradicional de ensino estimulam a criatividade dos alunos e auxiliam no processo de aprendizagem.

Uma das formas em que se pode trabalhar a educação ambiental com ludicidade, é ter aula no pátio da escola, onde existem árvores, pequenos animais (em geral, insetos) e as crianças podem entrar um pouco em contato com um outro meio para terem lições. O encontro pode começar com uma “pesquisa”, onde os alunos passem a anotar tudo o que estão observando ao seu redor – como um exercício de observação – que mais tarde será relatado aos demais e poderão ser discutidos os porquês dos objetos/seres observados estarem ali e/ou em determinada situação.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARBOSA, Ana Mãe. **Tópicos e utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARCELOS, V. H. L.. **A educação ambiental e o cotidiano escolar**. Caderno de Extensão, UFSM, Vol. 2. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.
- BRANCO, Sandra. **Educação ambiental: metodologia e prática de ensino**. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.
- Brasil. Constituição (1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Porto Alegre: Ordem dos Advogados do Brasil, Estado do Rio Grande do Sul, 1988.
- Brasil. **Lei Federal nº. 6.938 de 31 de Agosto de 1981**. IN: Legislação Brasileira do Meio Ambiente. Organizado por Rogério Rocco. RJ: DP&A, 2002.
- Brasil. **Lei Federal n. 9.795 de 27 de abril de 1999**. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília.
- CAMARGO, Maria Aparecida. **Teatro na escola: a linguagem da inclusão**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **Alfabetização Ecológica: O Desafio para a Educação do Século 21**. IN: Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Coordenação André Trigueiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CAVEDON, Carolina Christimann; ASMUS, Gabriela Farias; VILAR, Knulp de Souza Prudente e SANTOS, Lisiane Gazola. **7. As Múltiplas Concepções de EA em uma Comunidade Escolar**. IN: **Educação ambiental: vários olhares e várias práticas**. Eunice Aita Isaia Kindel, Fabiano Weber da Silva, Yanina Micaela Sammarco (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2004.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental – princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.
- DIAZ-ROCHA, Paulo Ernesto. **Arte educação ambiental para uma cidadania político-participativa**. Disponível em: <www.umweltprogramme.de/meioambiente99/tema02/rocha/text.html>, acesso em 15/11/2000.
- GUTIERREZ, F.. **Educación como praxis política**. México: Ed. Siglo Veintiuno, 1984.
- LEITE, José Rubens Morato, **AYALA, Patryck de Araújo**. Direito ambiental na sociedade de risco. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MICHEL, G.. **Aprender a aprender: guia de autoeducación**. 5. ed. México: Ed. Trillas, 1979.
- MÜLLER, Jackson. **Educação ambiental: diretrizes para a prática pedagógica**. Porto Alegre: FAMURS, s.d.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.
- Rio Grande do Sul. **Lei nº 11.730, de 09 de Janeiro de 2002**. Política Estadual de Educação Ambiental. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2002.
- SANTOS, Nadia Pötter dos. **Educação Ambiental e ensino de educação artística nas escolas municipais de Santa Maria – RS**. Monografia (especialização) – Universidade Federal de Santa Maria, 2001.
- SILVA, Geraldo Eulálio da. **Direito Ambiental Internacional: meio ambiente, desenvolvimento sustentável e os desafios da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: THEX Ed; Biblioteca Estácio de Sá, 1995.
- SILVA, Fabiano Weber da; SAMMARCO, Yanina Maicaela. 6. O Lazer & Arte – **Educação Ambiental**. IN: **Educação Ambiental: vários olhares e várias práticas**. Eunice Aita Isaia Kindel, Fabiano Weber da Silva, Yanina Maicaela Sammarco (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2004.
- Site: <<http://www.overmundo.com.br/banco/vamos-brincar-de-percepcao>> no dia 07/11/2007.